

IDENTIDADES NEGOCIADAS: A NARRATIVA DE MEMÓRIA E HISTÓRIA DE JOVENS HERDEIROS DA MIGRAÇÃO EM BUSCA DA (DES) TERRITORIALIZAÇÃO

Carina Santos de Almeida*

As cidades configuram pólos atrativos à mobilidade espacial e alteram-se à medida que novos atores do desenvolvimento passam a integrar a sociedade. As migrações podem afetar as concepções de pertencimento, alteridade e identidade. A juventude herdeira da migração negocia sua(s) identidade(s) a partir das suas narrativas de memória e história, podendo estar em acordo ou não com os valores da sociedade “estabelecida”. Este artigo aborda um estudo de caso realizado com jovens em Santa Cruz do Sul / RS através do uso da metodologia da história oral.

Palavras-chave: Identidades negociadas; Juventude; Migração; Território

Introdução

As cidades de porte médio¹ no Rio Grande do Sul / Brasil têm se configurado nas últimas décadas como locais de destino de uma migração intra e interregionais², a identidade – enquanto patrimônio simbólico ou

* Graduada em História, especialista em História do Brasil, mestre em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC e doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Santa Cruz do Sul / Brasil.

¹ Cidades de porte médio, médias ou intermediárias no Brasil, como pode ser pensada Santa Cruz do Sul, estão situadas entre a ruralidade e a metrópole, possuem características funcionais e permitem ligar centros locais. As cidades intermediárias estão cada vez mais desempenhando papel de destaque na sociedade e são responsáveis pelas taxas de crescimento populacional mais significativas no período de 1970/2000 (FELDMAN, Sarah. “Política urbana e regional em cidades não-metropolitanas”; BRANCO, Maria Luisa “Cidades médias no Brasil”; SANTOS, Milton. *O espaço dividido*).

² As migrações internas no Brasil são compreendidas pelos deslocamentos inter e intra-regionais de população, tanto entre Estados quanto entre municípios. O processo de migração ou mobilidade espacial intra-regional (mobilidade interna existente nos municípios de uma mesma região) e interregional (mobilidade externa existente entre as regiões) ocorrem possivelmente devido à procura por melhores

imaterial³ dessas comunidades, que podem ser pensadas, de forma geral, como predominantemente rurais e homogêneas –, pode ser dissipada pela heterogeneidade das comunidades em processo de urbanização. A noção de pertencimento à comunidade depende, em grande parte, da incorporação da “herança patrimonial”⁴ por parte do migrante, assim como da negociação entre a identidade da sociedade de “destino” com a identidade migrante.

É neste contexto que a juventude se configura como agente do desenvolvimento, ela é capaz de minimizar ou evidenciar os conflitos sociais presentes no território, sobretudo quando os jovens são herdeiros da migração e, por esta condição, são obrigados a “negociar” sua(s) identidade(s) para poderem-se desenvolver no local. As migrações redesenham o perfil das cidades e afetam as concepções de pertencimento, alteridade e identidade, mas a juventude é possivelmente mais capaz de dialogar com a identidade tradicional e migrante por estar permeada pelos valores da modernidade ou do mundo hodierno, o que provavelmente acontece em menor incidência com as gerações mais velhas.

Assim, este artigo apresenta duas subdivisões – “Narrativa dos ‘estabelecidos’⁵: a história e a memória de tradição germânica numa cidade do Brasil meridional e a migração” e “Identidades Negociadas: a (des) territorialização⁶ por meio de narrativas de memória e história da juventude

condições socioeconômicas e familiares (SILVA, Benedito; MIRANDA NETTO, Antonio *et alii*. *Dicionário de ciências sociais*, p. 756-771).

³ Patrimônio simbólico ou imaterial pode ser definido pelas representações, práticas, expressões, conhecimentos e técnicas que os grupos sociais, as comunidades e/ou os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e que estão enraizadas no espaço e no tempo (CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*, p. 11).

⁴ A categoria herança se entrelaça com a categoria patrimônio, pois a própria palavra patrimônio deriva de *pater* e, a herança é transmitida, na sua forma mais tradicional, de pai para filho. Existe uma estreita relação de patrimônio com a idéia de herança: algo a ser deixado ou transmitido para as futuras gerações. Assim, a herança significaria a passagem de um *status* social e patrimônio entre membros de um grupo (cf. CANANI, Aline S. K. B. “Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes alegorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil”). O patrimônio enquanto herança é abrangente e se refere aos bens materiais ou imateriais presentes numa sociedade.

⁵ “Estabelecidos”, de acordo com Elias & Scotson (ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*) são aqueles atores sociais que encontram-se fixados numa comunidade ou sociedade a mais de duas gerações e que, acabam desenvolvendo vínculos simbólicos mais profundos com esta comunidade.

⁶ O conceito de “territorialização” se refere à organização e reorganização, ao ordenamento e reordenamento das relações sociais e culturais estabelecidas com um determinado espaço. A antropologia é uma das áreas que se dedica aos estudos de territorialização, assim como a sociologia e a geografia, portanto, citar a palavra desterritorialização, significa que os atores sociais não desenvolveram ou não estreitaram as suas relações com o espaço em que estão situados. A partir da leitura de fragmentos das narrativas dos jovens migrantes e de segunda geração, citados na segunda parte deste artigo, será

herdeira da migração” – e aborda como os atores juvenis herdeiros da migração (migrantes e filhos de migrantes ou segunda geração)⁷ negociam suas identidades em busca da (des)territorialização numa cidade de porte médio localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul, por meio do confronto entre a narrativa de história e de memória dos estabelecidos com a narrativa do migrante.⁸

Narrativa dos “estabelecidos”: a história e a memória de tradição germânica numa cidade do Brasil meridional e a migração

Santa Cruz do Sul é considerada polo regional e o maior ponto de destino da migração⁹ da região do Vale do Rio Pardo. Sua história se construiu a partir da formação da colônia agrícola de Santa Cruz, que recebeu imigrantes de origem germânica a partir de 1849, portanto, seu surgimento está vinculado com a política de colonização e imigração financiada inicialmente pelo poder imperial brasileiro e posteriormente pela Província do Rio Grande do Sul no século XIX, que veio a trazer europeus

possível perceber estratégias que permitiram estes jovens se territorializar (se integrar no território), ou, pelo contrário, narrarem justificativas para sair de Santa Cruz do Sul, que podem ser pensadas como desterritorialização.

⁷ Convém ressaltar que os filhos dos migrantes – aqueles que nascem no local de destino da migração familiar –, são comumente chamados de “segunda geração”.

⁸ Este trabalho se baseou numa pesquisa qualitativa, realizada no ano de 2007 com quarenta jovens voluntários; a metodologia utilizada foi a da História Oral (Cf. THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*; MEIHY, José Carlos - HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*; MEIHY, José Carlos. *Manual de história oral*; FERREIRA, Marieta de M. - AMADO, Janaína. “Apresentação”; FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*; ALBERTI, Verena. “História dentro da história”) e contou com o auxílio da técnica *focus group* (BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*; MATTAR, Fauze N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento*).

⁹ A migração se refere aos movimentos geográficos de indivíduos e grupos. Estas migrações ou deslocamentos propiciam o crescimento de centros urbanos, o êxodo rural, a expansão de fronteiras agrícolas e o povoamento do território. À medida que os movimentos de população – de um lugar para outro – são um fenômeno muito antigo, o migrante, na maioria das vezes, não se mobiliza sozinho e acaba contribuindo para a transformação da sociedade hospedeira. Porém, o processo de inserção e assimilação dos migrantes nas comunidades nem sempre ocorre de forma harmônica, muitas vezes desvela hostilidades e defronta-se com movimentos racistas ou xenófobos, assim como, com variadas formas de violência que dependem das circunstâncias socioculturais, econômicas e políticas. A migração de indivíduos não representa apenas uma mobilidade espacial, mas também uma mobilidade social. Os indivíduos não apenas se deslocam de um local para outro, mas de um grupo social para outro, assim, os migrantes além de se mobilizarem espacialmente, se mobilizam socialmente e encaram o papel de recém-chegados numa sociedade formada por grupos com tradições já estabelecidas. A mobilidade social tem um amplo sentido, mas geralmente diz respeito aos movimentos ou deslocamentos de indivíduos de uma camada ou classe social a outra (SILVA, Benedito, *op. cit.*, p. 756-771; BOTTOMORE, Tom - OUTHWAITE, William. *Dicionário do pensamento social do século XX*, p. 466-472; ELIAS, Norbert - SCOTSON, John L., *op. cit.*, p.174; BOURDIEU, Jérôme *et al. Migrations, réseaux, patrimoine: renouveler les perspectives*, p. 750).

com vistas a consolidar o povoamento e ocupação do território gaúcho. Com isso, o desenvolvimento, como também a história e a memória desta cidade, foram atribuídos pela historiografia tradicional local à imigração alemã, sendo consenso também entre os atores sociais locais e os discursos normativos.

A região do Vale do Rio Pardo, na qual Santa Cruz do Sul está inserida e representa o polo regional, faz parte das vinte e quatro regionalizações criadas pelo governo estadual na década de 1990 (Conselhos Regionais de Desenvolvimento/COREDE). Esta se localiza na porção central do Rio Grande do Sul, sendo composta por vinte e dois municípios que possuem diferenças significativas no que se refere ao relevo, geomorfologia, história e economia, mas seus municípios possuem algumas similaridades, como uma estrutura fundiária baseada em sua maioria em pequenas propriedades, que se utiliza da mão de obra familiar.

Porém, de um território rural e agrícola, Santa Cruz passou a um território urbano e industrializado, sua população total na virada do século XX para o século XXI ultrapassou cento e vinte mil habitantes, sendo que quase 90% encontravam-se no meio urbano. Assim, nesta transição de século e milênio, a cidade já não mais se caracterizava socialmente como uma cidade de teuto-descendentes (alemães), visto que a migração, sobretudo corrente no último quartel do século XX, lhe proporcionou outras características populacionais.¹⁰

De imigrantes alemães a migrantes nacionais, de rural a predominantemente urbana, a memória do desenvolvimento de Santa Cruz do Sul parece estar afinada com um discurso nostálgico e conservador que situa os aspectos positivos do desenvolvimento regional ao passado da colonização germânica e os obstáculos, desafios e problemas ao presente dos migrantes.

No século XX, a economia regional se encaminhou para uma crescente especialização tabagista, provinda da produção agrícola familiar. O complexo agroindustrial que paulatinamente se desenvolveu e a intensificação do processo de industrialização do último quartel do século XX contribuiu para que a cidade se urbanizasse e viesse a receber contingentes significativos de migrantes. A internacionalização do setor industrial, com a chegada de empresas multinacionais na década de 1970, possibilitou um aumento significativo da produção e do beneficiamento

¹⁰ Cf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE/2000, Censo Demográfico do RS, 1950 e Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul/FEERS, 2006.

industrial do tabaco, ampliou-se a demanda de trabalho – atração de mão de obra inter e intraregional –, a atividade temporária (safra) teve acrescida a sua importância no processo de urbanização e contribuiu para a expansão da malha urbana e para o surgimento de uma periferia enquanto alternativa à reprodução de consideráveis parcelas de trabalhadores provindos tanto do campo quanto de cidades circunvizinhas.

Porém, os efeitos do processo de globalização da economia ao nível local foram sentidos no final de século XX, quando sobressaiu a recessão econômica, a concentração urbana e de renda, o desemprego, favorecendo a violência urbana e a exclusão social.¹¹

A despeito de a historiografia local construir sua narrativa de história e de memória sobre a cidade a partir da colonização germânica – “passado” comum a todos que habitam Santa Cruz do Sul¹² –, a cidade, no decorrer do século XX, teve um aumento significativo de migrantes “brasileiros” com origem distinta aos já estabelecidos teuto-descendentes. Com isso, a cidade teve uma convivência em muitos momentos conflituosa entre “alemães” e “brasileiros”.¹³

Dessa forma, tem-se, no limiar de século XXI, uma cidade constituída por personagens sociais distintos, sendo muitos santa-cruzenses com origem familiar germânica, como também uma grande parcela de migrantes oriundos de diversas outras cidades e regiões, que podem ser pensados como *outsiders*. Ainda assim, existem os herdeiros da migração, chamados de “segunda geração” – filhos de migrantes –, que são, portanto, santa-cruzenses nascidos nesta cidade, mas que não possuem necessariamente uma origem familiar germânica como os santa-cruzenses estabelecidos há mais gerações e com vínculos simbólicos.¹⁴

¹¹ Cf. SILVEIRA, Rogério. “Mercado Imobiliário e (re)produção do espaço urbano em Santa Cruz do Sul”.

¹² Cf. MARTIN, Hardy E. *Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia 1849-1859*; KIPPER, Maria H. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937 – 1945)*; VOGT, Olgário P. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul/RS – 1849-1993*.

¹³ Cf. CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Linha étnica entre “alemães e “brasileiros” em área de colonização no Rio Grande do Sul*. O termo “brasileiro” é corrente tanto entre as comunidades de origem e colonização germânica, italiana e polonesa no Rio Grande do Sul quanto entre a historiografia tradicional local quando se referem a pessoas de origem étnica que não sejam as supracitadas. Os “brasileiros” são pessoas de origem portuguesa, espanhola, africana, indígena e/ou mestiços.

¹⁴ O termo *outsiders* utilizado aqui não se refere ao fato dos indivíduos migrantes serem “de fora”, mas diz respeito à população migrante (jovens migrantes e de segunda geração), com vínculos alhures, ser um grupo novo na comunidade, não fazer parte de um estilo de vida estabelecido pelas gerações locais e não integrar o tempo passado local (ELIAS, Norbert ; SCOTSON, John, *op.cit.*, p. 19-49).

Os migrantes foram atraídos para Santa Cruz, num primeiro momento, pela promessa de emprego e pelo crescimento econômico apresentado. Mas a inserção de migrantes ocorreu não somente pelo surgimento de trabalho, como também por atrativos de serviços em saúde, educação e transporte. A migração é um fenômeno complexo e multicausal, que não depende somente de fatores macroestruturais, baseia-se na análise estrutural que o migrante faz deste novo meio, e que lhe impulsiona racional e emotivamente a decidir inserir-se neste espaço, que lhe parece ter melhores condições em relação ao seu lugar de origem.

Santa Cruz do Sul atraiu e ainda atrai migrantes, em grande maioria, com baixa qualificação profissional, em situação socioeconômica precária, e, em menor quantidade, também, migrantes com elevada qualificação profissional e com alto volume de capital econômico, cultural e social.

Acredita-se que a migração contribua para oxigenar uma sociedade, e da mesma forma, a migração pode comprometer e implicar, diretamente, no desenvolvimento de uma sociedade, como é o caso de Santa Cruz, onde o trabalho do migrante foi motivado pela economia transnacional e contribuiu, decisivamente, para o processo de urbanização da cidade, provocando transformações consideráveis nos espaços urbanos – território.¹⁵ Este território é resultado da apropriação do espaço geográfico e de suas práticas pelos indivíduos, enquanto espaço apropriado, constitui-se a partir da expressão das relações sociais, interações possíveis e comportamentos dos atores situados no espaço, com isso, os migrantes são novos agentes sociais que, na medida em que se mobilizam ao “lugar de destino” apropriam-se e integram o território ao longo do tempo.¹⁶

Por conseguinte, o migrante, ao se consolidar socialmente em uma sociedade, interfere nas relações sociais, por fim, acaba estabelecendo relações que podem ser de difícil inserção – *outsiders* –, nesta nova sociedade, mas que com a afirmação geracional, pode vir a se tornar um “estabelecido”, desenvolvendo uma mínima integração e identificação social.¹⁷

Os processos de encontro entre grupos antigos – os estabelecidos –, com novos grupos, os migrantes – *outsiders* –, ocorrem em diversas

¹⁵ Cf. CORREA, Sílvio Marcus de Souza. “Migração e a desigual distribuição espacial do capital humano”.

¹⁶ VERDIER, Nicolas. *Variations sur le territoire*. Analyse comparée de projets urbains: le Havre 1789-1894, p. 1031 e 1032; CAMPOS, Heleniza A. “Considerações acerca dos conceitos de território e meio ambiente urbano”, p. 58-59.

¹⁷ Cf. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L., *op. cit.*

comunidades do mundo inteiro, sobretudo porque estão associados à industrialização, a urbanização e ao desenvolvimento comunitário.¹⁸ Com isso, o problema da distinção antigo-novo deve ser compreendido dentro de um processo temporal. Estar inserido numa sociedade, morando, trabalhando, frequentando espaços culturais, pressupõe relações estabelecidas com diversos grupos sociais de convívio, assim, ser migrante ou mesmo filho de migrante pode acarretar numa idéia de não inserção.

Em Santa Cruz do Sul, como em outras cidades médias ou intermediárias brasileiras, os migrantes fazem parte de uma história recente, ou seja, são “presente” e “futuro”, e não “passado” e “origem”, a questão da história e da memória alicerça-se na questão temporal, assim, estar fora do tempo passado, é, talvez, justificativa para estar fora da história e da memória coletiva da cidade, mesmo sabendo que cada indivíduo possui uma memória individual e se encontra fisicamente inserido na sociedade.

A cidade apresenta territórios diferenciados dentro de seu espaço, assim, a questão da segregação urbana é visível. As cidades apresentam bairros com mansões e palacetes – condomínios fechados –, um centro de negócios, outro centro destinado à vida boêmia e noturna, ainda bairros proletários e o distrito industrial. Os territórios das cidades separam grupos sociais, assim como as funções, como morar e trabalhar, mas existem também segregação e desigualdade no tratamento da administração pública local em relação aos espaços citadinos, pois alguns lugares da cidade são mais privilegiados em infraestrutura que outros. A indústria tem uma força poderosa no desenvolvimento de espaços citadinos – isto é bem visto na cidade de Santa Cruz –, dando ritmo e intensidade aos movimentos espaciais, a indústria tem um efeito desterritorializador nos espaços em que penetra, operando rupturas, e liberando energias que passam a alimentá-la. A cidade, ao longo dos séculos, se transformou em polo de atração para as massas de migrantes de regiões e países variados, passando a ser sinônimo de heterogeneidade cultural e étnica.¹⁹

Os migrantes que passaram a residir em Santa Cruz no último quartel do século XX se instalaram na atual periferia da cidade, assim, os espaços urbanos desta cidade apresentam apropriações do território.²⁰ Residir nas áreas mais antigas, portanto centrais, significa integrar a tradicional narrativa de história e memória coletiva do local – ao menos

¹⁸ *Ibidem*, p. 68.

¹⁹ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*, p. 41.

²⁰ *Ibidem*.

que o migrante encontre-se em condições econômicas favoráveis –, do contrário, o migrante, com origem e identidade alhures, restringe-se à periferia. Ser “estabelecido”, com origem alemã, corresponde a integrar a história e a memória coletiva da cidade. Ser “migrante” e sobretudo com origem alhures, corresponde à periferia, que é associada à marginalidade e à criminalidade conforme os discursos normativos; por fim, ser migrante, significa não fazer parte da história e da memória coletiva da cidade.

Identidades negociadas: a (des)territorialização por meio de narrativas de memória e história da juventude herdeira da migração²¹

Existem diferenças significativas entre os jovens de uma cidade – social, cultural, econômica –, neste caso de análise, a mais evidente refere-se à própria noção de “estabelecido”, “migrante” e de “segunda geração”.²² As narrativas juvenis ressaltam posturas expressivas, o fato de o jovem ser “migrante” não significa que ele não se identifique com a nova cidade, da mesma forma que o jovem de “segunda geração”, nascido no local, não corresponde ao que sempre se identifica com a sociedade hospedeira da família. É preciso considerar os espaços transitados pela juventude herdeira da migração, assim como as influências e o cotidiano circundante.

O termo juventude se refere a uma faixa de idade, ou mesmo um período da vida, em que o indivíduo, além de passar por um desenvolvimento físico, ainda sofre inúmeras mudanças psicológicas, culturais, históricas e sociais. Muitas vezes, a palavra juventude pode encaminhar para labirintos de sentido, pois esta palavra está carregada de significados e evocações, assim, não se pode perder de vista que os jovens se encontram em condições distintas, cada época e sociedade postulam formas de ser jovem. Com isso, deve-se tematizar a juventude enquanto uma categoria social no plural: “juventudes”.

²¹ As questões aqui abordadas foram tematizadas a partir da narrativa juvenil extraída de entrevistas realizadas com quarenta jovens migrantes e filhos de migrantes voluntários que nasceram entre os anos de 1988, 1989, 1990 e 1991.

²² Os dados do censo do IBGE de 2000 sobre a categoria juvenil apontam que – faixa etária identificada na maioria dos casos entre 15 aos 24 anos –, havia em Santa Cruz do Sul neste início de milênio 28.320 jovens, destes, a maioria situa-se no meio urbano, que atingiu 25.007 jovens, enquanto que 3.313 jovens situam-se no meio rural. Neste sentido, a juventude no município representava pouco mais de 26% da população total, ou seja, acima da média brasileira, que alcançou, em termos de juventude, 20% do total da população brasileira.

Os jovens migrantes e filhos da migração encontram-se situados no tempo presente local e no espaço local (estão situados no território, o que não significa que se considerem territorializados), e, provavelmente, podem ter um futuro neste *situs*²³, contudo, somente os jovens estabelecidos e herdeiros da migração possuem um passado familiar no local, visto que os jovens migrantes não integram, não se vêem ou mesmo não se reconhecem no tempo passado de Santa Cruz. A despeito de existir esta diferença entre estes jovens, o processo da migração deve ser considerado a partir da noção de família, que se mobiliza espacialmente; os destinos e linhagens da família integram uma concepção dinâmica, pois a família é o ator e o produto de uma história, a mobilidade não é uma ação individual, mas engaja seus ascendentes, sua *fratrie* e os seus descendentes. Portanto, tanto os jovens migrantes quanto os jovens de segunda geração são herdeiros de um patrimônio e do processo da migração.²⁴

As representações sociais acerca da memória coletiva local ultrapassam os limites históricos, amparando-se nos valores e crenças construídos pelos discursos normativos e que os agentes locais consideram importantes. Os migrantes não fazem parte desta história em sua origem, tempo, transcurso, memória ou em seu “passado”, não são, num primeiro momento, pensados pelos agentes locais detentores da escrita e do poder institucionalizado como parte integrante da memória patrimonial, mas inegavelmente são integrantes desta sociedade. Dessa forma, os migrantes e a juventude herdeira da migração apresentam um “desencaixe” entre “tempo” e “espaço”, e isso pode se refletir na questão da (des) territorialização.²⁵

O que se evidencia é que os jovens migrantes e herdeiros da migração situam-se na sociedade santa-cruzense no tempo presente. O

²³ A teoria dos sítios (*situs*: significa no português sítio, entendida como lugar) desenvolvida por Hassan Zaoual (*Nova economia das iniciativas locais*: uma introdução ao pensamento pós-global, p. 31-32) se propõe a uma teoria que apresenta novos rumos para a economia não-violenta. O sítio é profundamente discutido pelo autor, e, em poucas palavras é “[...] uma maneira de pensar os ‘lugares’ em sua especificidade, levando em conta os sistemas de representação dos atores. [...] os sítios não são espaços geométricos euclidianos e vazios de sentido. [...] De modo essencial, cada sítio é uma entidade imaterial que impregna o conjunto da vida em dado meio. Ele possui um tipo de *caixa preta* feita de crenças, mitos, valores e experiências passadas, conscientes ou inconscientes, ritualizadas. Ao lado desse aspecto feito de mitos e ritos, o sítio possui também uma *caixa conceitual*, que contém seus conhecimentos empíricos e/ou teóricos, de fato, um saber social acumulado durante sua trajetória. Enfim, os atores em dada situação operam com uma *caixa de ferramentas* que contém saber-fazer, técnicas e modelos de ação próprios ao contexto. O todo é estruturado sob forma de um conjunto integrado, singular e aberto aos múltiplos ambientes (local, regional e mundial)”.

²⁴ BOURDIEU, Jérôme *et alii*, *op. cit.*, p. 751.

²⁵ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*, p. 22-23.

local no qual estão situados apresenta fronteiras flutuantes neste espaço que é construído no tempo e a partir das interações entre os atores do lugar. Assim, os jovens narradores percebem o local santa-cruzense a partir da pluralidade de territórios aos quais julgam pertencer; o local e o sítio possuem proximidades que somente são concebidas através do espaço simbólico, que é constituído de vínculos sociais e de crenças compartilhadas.²⁶ Necessariamente, os atores juvenis não compartilham os mesmos territórios urbanos e tão pouco as mesmas crenças e valores, portanto, o espaço simbólico que compartilham não é o mesmo.

A negociação da identidade destes jovens herdeiros da migração depende grandemente dos espaços ou territórios urbanos quais frequentam. Ao passo que os jovens inserem-se nos espaços citadinos, negociam sua identidade *outsider* com a identidade dos estabelecidos. Os jovens narradores postulam uma identidade “urbana” em detrimento de uma identidade associada à memória e história familiar migrante ou local. Suas narrativas de história e de memória são distintas da comunidade hospedeira, porém, a negociação da identidade está associada aos “projetos de vida” e aos “campos de possibilidades” que visualizam em Santa Cruz.

À medida que os jovens migrantes narradores encontram seu lugar, ou uma maioria tenha encontrado o seu lugar em Santa Cruz do Sul (territorialização), o que implica gostar do lugar, identificar-se de alguma forma com ele, estar satisfeito minimamente com as possibilidades e alternativas que se apresentam, ter um “projeto de vida” neste local, enfim, ao passo em que isso ocorre com estes jovens, a própria sociedade procura definir um lugar para o “indivíduo-agente empírico”; nas palavras de Velho²⁷, os indivíduos têm de “[...] assumir, responsabilidades e deveres de acordo com o sexo, posição na hierarquia” social.

Eu não pertenço aqui. Eu não me identifico com as pessoas, bem pouco, as características, a forma de eu ser, o dia-a-dia, são totalmente diferentes [...]. (Jovem migrante).

Não sou santa-cruzense, até porque não sou daqui, eu nasci em Bom Retiro do Sul, mas eu não me considero de lá, entre os dois, se eu tivesse que escolher, eu sou santa-cruzense. Que nem aqui em Santa Cruz, tem mais coisas para jovens, lá em Bom Retiro é mais coisa para velho, eu acho muito chato lá. Bom, eu sei que eu sou de origem alemã com português, só isso, mas eu não penso nisso quando falo em identidade. [...] Eu me sinto santa-

²⁶ ZAOUAL, Hassan, *op. cit.*, p. 144.

²⁷ VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, p. 49.

cruzense, quando, por exemplo, tem esse lance de Oktober [...] Bom, eu nunca me senti excluído aqui porque faz um tempão que eu moro aqui, tipo, eu sempre estudei aqui (Jovem migrante).

Eu acho que eu não pertencço aqui, eu vivo aqui, eu estudo aqui, eu consumo aqui, mas a me identificar com a sociedade aqui, acho que não. Bem, tem vários grupos assim, mas no geral, as pessoas de Santa Cruz eu acho que não tenho muito a ver não. Bem pertencço, mas eu não me identifico (Jovem de segunda geração).

Eu me identifico com aqui, especificamente com o meu bairro, eu sou voluntário. Eu me identifico bastante com o pessoal daqui! Quando eu vou viajar eu sempre falo que sou daqui, eu me identifico bastante com aqui. Sei lá, eu não valorizo muito a cultura germânica, eu acho que não é, não faz parte da minha vida a cultura germânica, assim, sabe, é algo que eu não me identifico. Eu vou na Oktoberfest [festa típica da cidade], eu participo, mas não é aquela coisa, da cultura, é mais pela festa mesmo, não pela cultura e tradições. Certo, os alemães são um povo importante, não deixa de ser, mas aqui não é mais tão importante como foi antigamente (Jovem de segunda geração).

Nas sociedades complexas e individualistas os sujeitos vivem múltiplos papéis, estão em constante trânsito entre os planos e níveis sociais. As noções de “projeto” e “campos de possibilidades” contribuem para a análise das trajetórias particulares e singulares enquanto expressão do quadro sócio-histórico, os indivíduos estão constantemente sendo reconstruídos – “metamorfose” –, mas mesmo assim, mantêm suas identidades associadas aos grupos de referência como a família, etnia, região, religião, etc. Os jovens são portadores de projetos diferentes e muitas vezes contraditórios na sociedade.²⁸

Os indivíduos constitutivos de uma sociedade possuem códigos e os acionam como elemento de categoria e diferenciação gerando, muitas vezes, uma tensão. No caso de Santa Cruz do Sul, os indivíduos locais e a própria “sociedade estabelecida” deparam-se com códigos específicos, como o bilinguismo; o fato de pessoas locais falarem o alemão apresentou-se como um tipo de tensão para alguns jovens com origem alhures em relação aos indivíduos estabelecidos. Esta tensão pode evidenciar, além de uma forma de diferenciação, uma “violência simbólica” sofrida pelos jovens com origem alhures.²⁹

²⁸ *Idem*. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas, p. 26 e 40.

²⁹ O conceito de violência simbólica é uma “chave mestra” para a compreensão das relações de poder e dominação (cf. CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). *Pierre Bourdieu*: escritos em educação), e esta violência está presente em instituições, inclusive na escola e nos discursos normativos dos territórios.

A narrativa dos jovens migrantes e de segunda geração evidenciou obstáculo ou deficiência de pertencimento em relação à identidade local – a noção de *outsider* e “violência simbólica” – e uma “lacuna de identidade” atribuída à regional (gaúcha) como subterfúgio à identidade juvenil – noção de *insider*. Este obstáculo do pertencimento mostrou que os jovens, principalmente os migrantes, sentem a comunidade local “fechada”, isso minimamente apresenta-se como uma dificuldade de inserção e opera numa “violência simbólica” que sofrem por terem vínculos familiares externos. Nesse sentido, preferem recorrer à identidade “gaúcha”. Em relação à lacuna de identidade, os jovens sentem-se como *homo situs*³⁰ porquanto “gostam” da cidade e dos atrativos que o local lhes proporciona.

Eu me acho um pouquinho santa-cruzense, mas eu ainda sou... Sou mais são-pedrense que santa-cruzense, pois eu gosto muito de ir para lá, lá tem muita natureza, e se convive muito com isso lá, pois lá tem o clima do interior. No CTG (Centro de Tradições Gaúchas) eu fui influenciado bastante, frequentava o tiro de laço. Acampava muito, aqui nunca tem isso quase, então às vezes penso em voltar mais tarde para lá, mas eu não sei o que o futuro tem me guardado, mas eu gosto muito do meu Estado, eu gosto muito da região onde eu morava, mas eu gosto do Estado por causa da cultura, pois já passei bastante, mas Santa Cruz eu não conhecia. O meu sonho, se eu for fazer algo lá para cima, meu desejo vai ser voltar, pois o meu orgulho é ser gaúcho (Jovem migrante).

[...] mesmo sabendo que aqui é bom, eu sempre falo que não gosto muito de Santa Cruz, eu me sinto um peixe fora d'água, eu não sei por que, eu nasci aqui, eu me criei aqui, mas sei lá, aqui é onde eu nasci, mas, no mais assim... bem, eu me sinto mais no caso, de Vale do Sol, todo mundo me pergunta o que tem de interessante lá em Vale do Sol e eu não sei. Bom, eu gosto do Rio Grande do Sul. Mas eu não sei dizer bem... É que ninguém tinha me feito essa pergunta antes! Mas eu gosto das tradições, dos costumes, isso é bem legal, o CTG é bem legal, rodeio também (Jovem de segunda geração).

Sabe, em primeiro lugar eu me considero brasileira, depois gaúcha, e por último, santa-cruzense, [risos], eu só me considero uma santa-cruzense porque eu moro aqui faz muito tempo, mas eu não me identifico com a cultura e nem com nada assim, só que eu gosto da cidade, eu gosto daqui, mas eu não tenho aquele orgulho de falar ‘eu sou santa-cruzense’, eu só me considero porque eu moro há bastante tempo. Mas seu fosse para outra cidade, eu diria... Sei lá, eu também não sei dizer direito a minha origem étnica, sei lá, eu não tenho aquela coisa que muita gente aqui fala: há, eu sou alemão! Eu

³⁰ De acordo com Zaoual (*op. cit.*, p. 16) o *homo situs* pode ser representado pelos atores que estão envolvidos com o desenvolvimento local. Para haver o desenvolvimento local, o homem situado – “estabelecidos” e migrantes –, precisa compartilhar os bens simbólicos da comunidade em que se encontra, e com isso se sentirá pertencente ao local e um agente do desenvolvimento.

não tenho uma coisa assim, eu não posso dizer: eu sou portuguesa! Por isso eu digo que sou brasileira, porque brasileiro é uma mistura de tudo, então, eu me considero uma brasileira mesmo e depois gaúcha, eu também não sei se eu iria dizer que sou de Butiá, mas eu nasci lá, eu fico na dúvida, eu não sei o que dizer, nesse caso acho que diria santa-cruzense mesmo que eu não me identifique com nada aqui, mas eu estou a mais tempo aqui do que em Butiá. (Jovem migrante).

Eu também, eu sou gaúcho! Para nós a Revolução Farroupilha foi o máximo, nós achamos que os caras eram os melhores do mundo, esses tempos eu li um livro no qual o cara ridicularizou como se fossemos os mais idiotas, então eu fiquei indignado com o cara, acho que todos nós ficaríamos [...] o gaúcho adora a Revolução Farroupilha [...] (Jovem migrante).

Sim, parece que o 20 de setembro é mais importante que o 7 de setembro (Jovem de segunda geração).

[...] com relação à história do Rio Grande do Sul, a gente tem orgulho de dizer [...] (Jovem de segunda geração).

Porém, apesar de não haver identificação com a memória e a história local, os jovens migrantes e de segunda geração apresentaram-se mais positivos que negativos na sua avaliação sobre o local, suas narrativas estão permeadas pelas expectativas de uma vida melhor para a família migrante na nova cidade. Se o migrante e sua família não encontrar motivos para permanecer – principalmente desenvolvimento socioeconômico –, estando ou não em descompasso com a memória e a história local, ele poderá migrar novamente.

Os migrantes conseguem avaliar e contrapor suas memórias e suas histórias com a da sociedade hospedeira. Porém, a despeito dos jovens com origem migrantil se mostrarem críticos ao discurso germanista da cidade de Santa Cruz do Sul, estes não conseguiram dissociar a memória social local com a colonização alemã mais a industrialização do fumo (atividade econômica que se originou historicamente com os teuto-descendentes), resultando no discurso normativo vigente sobre o desenvolvimento regional.

Os jovens herdeiros da migração que possuem um “projeto de vida” e visualizam os “campos de possibilidades” em Santa Cruz apresentaram uma “noção idealista” sobre este território, porquanto a cidade é, segundo suas falas, “bonita”, “arborizada”, “limpa”, “calma”, “organizada”, com “qualidade de vida”. Estes negociam suas identidades para territorializar-se, visto que, por meio de uma narrativa e análise positiva da cidade, evidenciam o desejo de continuar residindo neste local, neste território.

Eu acho que Santa Cruz é mais organizada, as pessoas cuidam da cidade, tipo, plantam árvores, por exemplo, se tu fores ver as ruas em Porto Alegre são horríveis, porque são sujas, tem areia por todas as calçadas, calçadas num canto e sem calçada no outro e Santa Cruz não. Tem árvores, os mesmos tipos de árvore [...] (Jovem migrante).

[...] Agora, Santa Cruz é uma cidade limpa [...] (Jovem de segunda geração).

Todavia, outro grupo de jovens herdeiros da migração que estão inclinados a migrar em busca de trabalho/emprego e estudo fora de Santa Cruz, apresentou uma “noção pragmática” sobre o local, visto que nas suas narrativas a cidade convive com a “dicotomia entre periferia/centro”, “preconceito”, “violência” e “marginalidade”, ou seja, este grupo visualiza os conflitos sociais. Estes jovens negociam suas identidades, e podem, pelas suas percepções acima, virem a migrar, desterritorializar-se.

Mas tem muita pobreza em Santa Cruz! (Jovem migrante).

Agora o meu irmão também está trabalhando em fumageira, para Santa Cruz é muito bom a existência delas, pois milhares de pessoas tem o emprego nisso. Mas para outras é só meio ano, então, o que estas pessoas vão fazer na outra metade do ano?! Assaltando?! (Jovem de segunda geração).

Em relação ao futuro de Santa Cruz, acho que se continuar nesse ritmo, se nada for feito, vai ter mais... Dificuldades aqui (Jovem de segunda geração).

Eu não sei o que tem que ser feito, mas a tendência é aumentar a prostituição, mas tem um polo industrial que está se formando (Jovem migrante).

A economia do cigarro não tende a aumentar (Jovem de segunda geração)

A “noção pragmática” dos narradores juvenis indica que o “projeto de vida” compreende estudar, trabalhar e constituir família por meio de objetivos comuns e localizados no tempo pelos jovens. Já a “noção idealista” dos narradores juvenis sobre os “campos de possibilidades”, se refere ao espaço, que é inconstante e reflete a satisfação com o local, com isso, muitos jovens desejam permanecer (territorializar-se) e outros migrar do local (desterritorializar-se), mas a mobilidade espacial está condicionada às condições socioeconômicas e culturais e à própria mobilidade social dos jovens na comunidade situada.

Os jovens atores do desenvolvimento local são aqueles que se mostraram intencionados em permanecer em Santa Cruz do Sul – vinte e quatro num total de quarenta jovens entrevistados –, visto que têm um “projeto de vida” situado no local. O “projeto de vida” por sua vez é uma

construção do “eu” a partir da visualização dos “campos de possibilidades” que se apresentam na cidade, assim, os atores do desenvolvimento têm um “projeto de vida” em Santa Cruz porquanto acreditam que a cidade lhes possibilita mais que atrativos comemorativos, mas também condições de estudo, trabalho e reprodução social – constituição de uma família –, por fim, estão consolidando a integração no território.

É melindroso afirmar que os jovens que desejam migrar de Santa Cruz do Sul não são atores do desenvolvimento regional, já que estes jovens são atores situados, em vista disso, o título deste artigo conduz o leitor a pensar em territorialização com o prefixo “des”. Mas também é complicado dizer que estes jovens sejam atores do desenvolvimento visto que não estão comprometidos com o desenvolvimento local. O “desejo” de migrar não significa a “ação” de migrar. Os jovens que estão dispostos a sair da cidade se mostram propensos a migração à medida que constroem um “projeto de vida” que não está associado aos “campos de possibilidades” existentes no local. Assim, a mobilidade espacial é uma tentativa de mobilidade social.

A negociação das identidades dos jovens narradores com origem migrante confronta-se com a história e com a memória social local, mas suas permanências ou não – (des) territorialização – estão associadas ao “projeto de vida” situado no local, à visualização dos “campos de possibilidades” que se apresentam na cidade e ao modo de vida urbano – modos *vivendi* e *operandi*.

A cultura local, muitas vezes identificada pelos próprios jovens como sendo associada à colonização alemã, não representa “suas” culturas, muito menos suas identidades. O território de Santa Cruz do Sul/RS, que nasceu da colonização alemã no século XIX, não pode mais ser associado a apenas uma cultura ou uma identidade. A industrialização, a migração e a urbanização alteraram as feições do território ao longo do século passado, mas, sobretudo impeliram uma complexidade de culturas e identidades nas quais os jovens são os principais atores, visto que representam as futuras gerações locais.

A cultura, a identidade e a representação juvenil do desenvolvimento regional não emanam apenas das experiências (práticas sociais) juvenis, mas minimamente de uma tradição oral. Contudo, existe um “hiato” nas memórias juvenis devido à ruptura com a tradição oral intergeracional visto que os jovens apresentaram dificuldades em dialogar com seus pais migrantes. Conhecer e valorizar a identidade migrante pode implicar

numa dificuldade de inserção na identidade local. Os narradores juvenis não são vítimas do esquecimento (história e memória), mas se configuram como atores/agentes do esquecimento. Neste mesmo sentido não são vítimas do desenvolvimento local, mas, em sua maioria, “atores deste desenvolvimento” numa cidade de porte médio do Brasil meridional.

Considerações finais

A migração contribui para oxigenar uma sociedade assim como compromete e implica diretamente no desenvolvimento de uma sociedade, como é o caso de Santa Cruz, onde o trabalho do migrante foi motivado pela economia transnacional e foi decisivo para o processo de urbanização da cidade, provocando transformações consideráveis nos espaços urbanos – território.

A memória dos narradores juvenis é influenciada pelo local que residem, pelos espaços que transitam e pela constelação de capital econômico, social e cultural de suas famílias. Por sua vez, a situação cultural dos jovens narradores também corrobora para que os mesmos sintam-se e empenhem-se em fazer parte do desenvolvimento local, de modo que isto lhes possibilita o próprio desenvolvimento do “eu”. Se os jovens não se compreendessem como agentes culturais no desenvolvimento da cidade, eles não se sentiriam *homo situs*, apresentariam um forte sentimento de exclusão social e não desejariam, em sua maioria, permanecer no local.

Assim, com base na noção de *outsider* – enquanto aquele que independentemente da condição socioeconômica difere dos “estabelecidos” em sua ancestralidade –, os jovens herdeiros da migração apresentam uma fraca identidade local, mas uma forte identidade regional (gaúcha). A identidade gaúcha teria, entre outros fatores, uma função compensatória para esses jovens. Como o patrimônio imaterial da cidade (memória coletiva) – colonização alemã, industrialização do fumo e desenvolvimento regional – não foi vinculado ao patrimônio dos jovens migrantes e de segunda geração, os jovens não se reconhecem como “herdeiros” da memória coletiva, não se identificam com a identidade local.

Dessa forma, o território de Santa Cruz do Sul/RS, que nasceu da colonização alemã no século XIX, não pode mais ser associado a apenas uma cultura ou uma identidade. A industrialização, a migração e a urbanização alteraram as feições do território ao longo do século passado, mas, sobretudo impeliram uma complexidade de culturas e identidades

nas quais os jovens herdeiros da migração são os principais atores e podem estar, ou não, empenhados na sua territorialização na cidade, visto que representam as futuras gerações locais.

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. "História dentro da história", in PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005, p. 155-201.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRANCO, Maria Luisa C. "Cidades médias no Brasil", in SOBARZO, Oscar; SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação B. (cords.). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 245-277.
- BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Consultoria de E. Gellner, R. Nisbet e A. Touraine. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BOURDIEU, Jérôme et alii. "Migrations et transmissions inter-générationnelles dans la France du XIXe et du début du XXe siècle", in *Annales - HSS*, v. 55, n. 4, 2000, p. 749-789.
- CAMPOS, Heleniza A. "Considerações acerca dos conceitos de território e meio ambiente urbano", in *Redes*, v. 10, n. 3, 2005, p. 57-70.
- CANANI, Aline S. K. B. "Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes alegorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil", in *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 23, 2005.
- CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos em educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Linha étnica entre "alemães e "brasileiros" em área de colonização no Rio Grande do Sul*. (XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização). São Leopoldo: Unisinos, 2007.
- _____. "Migração e a desigual distribuição espacial do capital humano", in *Revista Raízes*, v. 21, n. 2, 2002, p. 273-286.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FELDMAN, Sarah. "Política urbana e regional em cidades não-metropolitanas", in BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos; GONÇALVES, Maria Flora (orgs.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora da UNESP: ANPUR, 2003, p. 105-112.
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. "Apresentação", in *Idem* (orgs.). *Usos*

- & *abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 12-25.
- FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- KIPPER, Maria H. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937-1945)*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- MARTIN, Hardy E. *Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia 1849-1859*. Santa Cruz do Sul: APESC - RS, 1979.
- MATTAR, Fauze N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento*. São Paulo: Atlas, 1997.
- MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SILVA, Benedito; MIRANDA NETTO, Antonio G. et alii. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SILVEIRA, Rogério. "Mercado Imobiliário e (re)produção do espaço urbano em Santa Cruz do Sul", in *Redes*, v. 4, n. 3, 1999, 2000, p. 103-126.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- VERDIER, Nicolas. "Variations sur le territoire. Analyse comparée de projets urbains: le Havre 1789-1894", in *Annales – HSS*, v. 57, n. 4, 2002, p. 1031-1065.
- VOGT, Olgário P. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul/RS – 1849-1993*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.
- ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DP&A. Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.

Abstract

Negotiated identities: the narration of memories and history of young heirs of the migration in search for (dis) placement

Cities are attractive places to human mobility and change while new development actors integrate the society. Migration may have an effect on the conceptions of belonging, alterity and identity. The young ones who inherited the migration negotiate their identity from their memory and history, either according to the values of the host society or not. This article considers a study regarding young ones in Santa Cruz do Sul / RS using oral history methodology.

Keywords: *Negotiated identities; Youth; Migration; Territory*

Recebido para publicação em 18/12/2009.

Aceito para publicação em 29/03/2010

Received for publication in December 18th, 2009.

Accepted for publication in March 29th, 2010.